Religião: religar unir, juntar

Religião vem do latim "*religare*": ligar as coisas que estão separadas, uni-las para que convivam juntas. A religião deveria servir somente para nos ligar ao mundo, ao que no mundo vive e existe, e para assim construir um mundo unido, em paz. A religião deveria servir para que superássemos os conflitos e as contradições e para que percebêssemos que sozinhos, sozinhas, não podemos existir. No entanto, as religiões têm atuado, geralmente, no sentido contrário: têm desunido, têm provocado rivalidades e conflitos, têm criado tensões e separações, têm estabelecido fronteiras e competições inúteis.

As religiões tentam responder às necessidades espirituais dos seres humanos. A espiritualidade é uma realidade humana muito mais profunda, mais vital que a religião. Muitas vezes ambos os conceitos, religião e espiritualidade, se confundem e suas expressões se sobrepõem. Mas cada vez mais, com a evolução da consciência da Humanidade, se está estabelecendo uma diferença necessária entre religião e espiritualidade.

A teóloga Ivone Gebara se lamenta: *As Religiões têm se transformado em Divisões. Tanto, que talvez deveríamos não perguntar: Qual é a sua religião? Mas, aual é tua divisão? E o teólogo Leonardo Boff sentencia: As religiões geram guerras, as espiritualidades promovem paz.*

As religiões no mundo

Existem atualmente milhares de religiões vivas em todo o mundo. Pelo número de seus fiéis as mais importantes são o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo, o Budismo e as religiões tradicionais chinesas (Taoísmo e Confucionismo). As duas religiões com maior número de fiéis e com vocação "universal" são o Cristianismo e o Islamismo. O Judaísmo é classificado como uma das grandes religiões do mundo por sua relevância histórica, mas em todo o mundo há somente cerca de 13 milhões de pessoas adscritas a esta religião. Os meios de comunicação globalizados e os massivos movimentos migratórios e turísticos estão contribuindo para uma inusitada "mescla" de aspectos das diversas religiões, a notáveis sincretismos religiosos.

Pode-se mudar de religião?

É muito difícil mudar de religião. É como querer mudar a língua mãe na qual aprendemos a pensar, a falar, a sonhar, a nos comunicar. Se podem aprender outras línguas e se expressar com elas e isso enriquecerá a própria língua, mas sentir e pensar em uma língua alheia é praticamente impossível. É um exílio. Pode-se incursionar no budismo sendo cristão. E no cristianismo sendo budista. E isto enriquecerá ambas culturas religiosas. Pode-se conhecer o Islamismo tendo nascido no judaísmo e vice-versa. E naturalmente, existem êxodos de uma religião a outra. São duradouros? São verdadeiros? O selo da cultura religiosa na qual nascemos marca toda a vida.

A religião é como o amor

O francês Jean Bottéro, especialista em mitos e ritos do Mundo Antigo, conhecedor

de “A história de Deus” na Bíblia e na história das religiões, diz no livro “A história mais bela de Deus” (Anagrama, 1998):

Comparo a religião com o amor. Da mesma maneira que o amor, por definição, por finalidade, por exercício, se cria uma esfera própria em que sempre é reconhecido, assim acontece com a religião. Tem-se estudado a religião como fator de conjunto, de pressão social sobre os indivíduos e não como sentimento individual. E é essa precisamente a realidade primeira e essencial da religião. É verdade que poucas pessoas têm um sentimento religioso total, autêntico e completo. Mas acaso existe tanta gente que tenha se apaixonado autêntica e totalmente?

A religião é um consolo

A religião é o ópio do povo é talvez uma das frases mais conhecidas de Karl Marx. Para entender melhor esta opinião, convém recordar que quando Marx utilizou esta metáfora o ópio era o analgésico mais potente e mais comumente usado contra a dor. O sentido da metáfora não é, pois, a religião como uma droga alucinógena para escapar da realidade, uma via de alienação, tal como hoje entendemos os efeitos das drogas, mas como um consolo ante um sofrimento do qual não se sabe ou não se pode sair.

Disse o filósofo espanhol Fernando Savater: *Parece-me que a religião é um tipo especial de gênero literário, como a filosofia, e combatê-la como uma praga, sem atender os anseios nela expressos é empobrecedor não só para a imaginação, mas até mesmo para a razão humana. Temo que tão crédulos são os que utilizam a Bíblia para combater Darwin como os que dão por certo que uma dose adequada de neurociência dissipará todas as brumas teológicas. Além disso, vivi o suficiente para não pretender privar ninguém de nenhum consolo que possa fazer frente à debandada do tempo e da dor, ainda que eu não o partilhe.*

A religião é como a lua

Willigis Jäger, monge e mestre do budismo Zen utiliza esta metáfora:

A religião pode ser comparada com a lua, que ilumina a terra de noite, mas recebe sua luz do sol. Quando a lua se coloca entre o sol e a terra ocorre um eclipse solar. Algo parecido acontece com a religião. O sol é o divino, ilumina as religiões para que dêem luz às pessoas em seu caminho. Mas se a religião dá demasiada importância a si mesma, colocando-se entre Deus e a pessoa, então obscurecerá a Deus: se produz um eclipse de Deus. É uma tendência que encontramos em todas as religiões.

A religião é como uma corda

O teólogo alemão Eugen Drewermann utiliza outra metáfora:

A maioria dos seres humanos se agarra à religião como quem está a ponto de se afogar se agarra à corda que se lhe estende. Aferra-se a ela com todas suas forças. A corda deve aguentar. Ela é a verdade. Se a corda chega a se romper, se abre um abismo. Por isso é a minha religião e nenhuma outra a que me importa, a verdadeira...Tudo aquilo no que se pode encontrar vida e segurança depende da corda e tem que ser verdade. Mas, às vezes, com a ajuda desta corda, os homens põem o pé em terra. Então, já tranquilos, abandonam a corda, porque já têm terra firme debaixo de seus pés. E o fazem sem ser de todo conscientes de que é a terra

a que lhes proporciona segurança. Nisso, precisamente, consiste a religião verdadeira: a mão de Deus que nos sustenta e não a corda a que nos agarramos.

A corda, a religião, não é mais que uma ferramenta, um meio. A religião verdadeira é só uma confiança ante a que não encontramos palavras para defini-la. O ateísmo tira a corda e diz ao homem: Quando deixarás de brincar de ser náufrago? A terra está abaixo de teus pés, firme e segura, mas você continua aferrado ao seu trauma. Houve um tempo em que se acreditava que ia cair no fundo e se afogar. Isso passou já faz muitíssimo tempo. Então era uma criança muito desgraçada e necessitava de segurança. A essa sua exigência de segurança é que a religião tem respondido... Buda o expressou de uma forma muito bela: minha religião, meu ensinamento não é mais que um barco com o qual se atravessa o rio. Chegados à margem, a ninguém vai ocorrer tomar o barco e colocá-lo sobre a cabeça para carregá-lo, mas deixa-lo lá e caminhar livremente.

Jesus pôs a religião "cabeça para baixo"

Na comunicação que apresentou na Semana Andaluza de Teologia (Málaga, novembro de 2006), o teólogo espanhol Juan Luis Herrero del Pozo, disse:

O ícone definitivo do Deus inefável de Jesus é o próximo. Quando alguém aposta seriamente no semelhante está aceitando a Deus ainda que negue seu conceito. Tudo isto significa pôr a religião tradicional "de cabeça para baixo". Hoje Jesus seria condenado como laicista, relativista, reducionista, modernista. Sem dúvida, Jesus de Nazaré foi o dessacralizador primeiro e decisivo do cosmos e da história.

A religião matou Jesus

O teólogo católico francês Joseph Moingt, autor do livro "L´Homme qui venait de Dieu" (Editions du Cerf, 1993), afirma:

A religião tende sempre a se situar no lugar de Deus, a obrigar as pessoas a passar por ela para encontrar Deus. Muitos acreditam que só se encontra Deus no culto ou nas cerimônias religiosas. A religião passa então a ser as obrigações e as tradições religiosas com as quais se acredite ter acesso a Deus ou contentar a Deus.

Jesus rompeu com uma concepção religiosa desse tipo. Jesus não era o único que atacava a religião de seu povo.O escândalo que provocou provém de que apagava, rompia, os pontos de apoio nos que as pessoas religiosas costumam confiar. A liberdade de sua palavra e de sua busca de Deus desestabilizava as instituições religiosas, tirava credibilidade das práticas religiosas demasiado seguras de si mesmas, mudava o curso de tradições religiosas recebidas e aceitas. Por isso, o mataram. A religião matou Jesus. Vejo no processo e na morte de Jesus como Deus se saísse fora da religião e como se Deus entrasse no mundo dos humanos. Esta é a boa notícia: Deus sai do recinto do sagrado onde estava encerrado. Deus nos libera do peso da religião e do sagrado, com todos os terrores e todas as servidões que impunham.

Nenhuma religião, todas as religiões

Jesus não fundou nenhuma religião. Nascido e crescido na religião de seu povo, viveu, experimentou e proclamou a um Deus que não cabia dentro dos ritos, leis e crenças da religião que conheceu nem de nenhuma outra. São muitos os que,

conhecendo os valores espirituais que existem em todas as grandes religiões, pensam que o cristianismo só poderá assimilar e assumir a mensagem de Jesus, entender sua espiritualidade, se aprender do judaísmo o que o judeu Jesus pensou da tradição de seu povo e quis mudar nesta tradição, se aprender do budismo o caminho místico para encontrar a si mesmo e se aprender do Islamismo a simplicidade da fé e não no amontoado de leis que os eclesiásticos cristãos impõem com tanta arrogância às pessoas.